

DF - Lago Paranaíba
Carlos Zarur

Em Brasília alguns assuntos simplesmente não são discutidos, viram tabu. Um dos mais gritantes é, sem dúvida, a ocupação das áreas verdes do lago do Paranoá pelas residências que o margeiam, impedindo o uso da orla lacustre pela população.

O brasiliense, que já sofre com a falta de mar, e com a segura ferrenha que assola a cidade durante vários meses, não tem o direito de usar a área que, logicamente, deveria ser destinada para o seu lazer: a orla do lago.

Acompanhamos com interesse e aplaudimos o esforço da Prefeitura do Rio de Janeiro, que transformou as cercanias da (lagoa Ro-

drigo de Freitas em um dos mais frequentados logradouros de lazer do Rio. Ali, o carioca pode caminhar, andar de bicicleta, patinar etc. É bom lembrar que o Rio já tem as praias — territórios livres para todos os habitantes da cidade.

Vamos imaginar se, por exemplo, as praias cariocas fossem fechadas por meia dúzia de privilegiados, ou mesmo a lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte. Vamos mais longe nesse exercício de imaginação, para a Europa e os Estados Unidos. Nem sonharíamos ver o rio Sena com lindas residências fechando suas margens, ou o Tâmis, em Londres, só permitido para os nobres, ou, em Washington, o Potomac, que é ladeado por lindas ciclovias, ter

O lago para todos

CORREIO BRAZILIENSE

seus arredores loteados para os milionários.

É mais ou menos isso que ocorre em Brasília, salvo pequenos territórios livres. A população não pode usar a orla do lago, usufruir de seus encantos — nem os próprios moradores das penínsulas, a não ser aqueles que possuem as famosas pontas de picolé, ou que ficam restritos aos caros e abarrotados clubes da cidade. Na verdade, bastaria que a lei fosse aplicada e as áreas verdes desimpedidas, para que o Governo do Distrito Federal desenvolvesse um projeto de urbanização, dirigido ao lazer, na orla do lago. Poderíamos então, nós, simples viventes, que não possuímos casas ribeirinhas, dar a volta ao lago pedalando nossas bicicletas, o

que nos permitiria não correr perigo de vida nos eixos. Poderíamos pescar, em diversos pontos, caminhar, enfim, usufruir desse que é o mais aprazível local da cidade.

7 SET 1994
Eis um assunto para debate, principalmente agora às vésperas das eleições: a implantação de uma infra-estrutura de lazer nas margens do lago, com segurança para as casas próximas e para os frequentadores, onde, a exemplo do Rio, de Belo Horizonte, de Paris, de Londres, de Washington, ou de qualquer outra cidade do mundo, a população possa usufruir do único manancial de água que banha a cidade.

■ Carlos Zarur é jornalista